

REDES DE CONHECIMENTOS E CURRÍCULOS: *agenciamentos* e criações possíveis nos movimentos estudantis recentes

Nilda Guimarães Alves¹
Joana Ribeiro Santos²

Recebido em: 22/09/2016 - Alterações recebidas em: 21/11/2016 - Aceito em: 06/12/2016

Resumo: Trabalhamos na pesquisa com a ideia de que a formação humana se dá em redes educativas múltiplas e diversas, relacionadas entre si de modos diferentes. Essas redes, com os *conhecimentossignificações* nelas criados, atuam nos processos curriculares, nas relações entre os tantos *dentrofora* das escolas. No momento em que forças conservadoras se voltam para as escolas e as *prácticasteorias* que nelas são tecidas, buscando, em especial, controlar os currículos oficiais e limitar a autonomia docente, os estudantes, em diversos estados brasileiros, ocupam escolas e denunciam a crise na administração da educação pública. Neste artigo buscamos identificar *agenciamentos* diversos que atuaram na *tessitura* dessas ocupações, como os movimentos Occupy, pelo mundo, os movimentos grevistas docentes em 2013 e 2014 no Rio de Janeiro, os movimentos de ocupação das escolas em São Paulo etc., pensando na potência e nas possibilidades futuras de atuação desses movimentos sobre o currículo. Da mesma forma, entendemos que estes movimentos são, também, *agenciamentos* para tantos outros. Neste texto, as narrativas dos estudantes e as fotografias dos movimentos tornam-se *personagens conceituais*, tais como os entende Deleuze, servindo para pensar a potência daquilo que é tecido nos cotidianos escolares a partir dos currículos *praticadospensados*, entendidos como criação necessária ao momento atual da Educação brasileira. As ideias desenvolvidas têm apoio nos pensamentos de Certeau e Deleuze.

Palavras-chave: Movimentos sociais e currículos. Agenciamentos. Personagens conceituais. Currículos *praticadospensados*.

REDES DE CONOCIMIENTOS Y CURRÍCULOS: *agenciamientos* y creaciones posibles en los movimientos estudiantiles recientes

Resumen: Trabajamos en la investigación con la idea de que la formación humana ocurre en redes educativas múltiples y diversas, relacionadas entre sí de distintos modos. Estas redes, con los

¹ Professora titular na UFF e na UERJ (aposentada em ambas). Atualmente é pesquisadora visitante no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd), da UERJ (novembro/2012-outubro/2017) e no PPGEDU – Processos formativos e desigualdades sociais, da Faculdade de Formação de Professoras/Uerj-S.Gonçalo. Membro do Laboratório Educação e Imagem (www.lab-eduimagem.pro.br). Pesquisadora 1 A/CNPq, sendo líder do GrPesq “Currículos, redes educativas e imagens”. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4233172979202700> E-mail: nildag.alves@gmail.com

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Professor de História das redes municipal e estadual do Rio de Janeiro. Membro do GrPesq “Currículos, redes educativas e imagens”. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0861182646887979> E-mail: joribeiro87@gmail.com

conocimientos significaciones en ellas creados, actúan en los procesos curriculares, en las relaciones entre los tantos *dentro fuera* de las escuelas. En el momento en que fuerzas conservadoras se vuelven hacia las escuelas y las *prácticasteorias* que en ellas son tejidas, procurando, en particular, controlar los currículos oficiales y dificultar la autonomía docente, los estudiantes, en diversos estados brasileños, ocupan escuelas y denuncian la crisis en la administración de la educación pública. En este artículo buscamos identificar *agenciamientos* diversos que han actuado en la *tessitura* de las ocupaciones, como los movimientos Occupy, por el mundo, los movimientos huelguistas docentes en 2013 y 2014 en Río de Janeiro, los movimientos de ocupación de las escuelas en São Paulo etc., pensando en la potencia y en las posibilidades futuras de actuación de estos movimientos en los currículos. De igual manera, entendemos que estos movimientos son, también, *agenciamientos* para tantos otros. En este artículo, las narrativas de los estudiantes y las fotografías de los movimientos se convierten en *personajes conceptuales*, como los comprende Deleuze, sirviendo para pensar la potencia del tejido en los cotidianos escolares a partir de los currículos *practicadospensados*, entendidos como creación necesaria al momento actual de la Educación brasileña. Las ideas desarrolladas tienen apoyo en los pensamientos de Certeau y Deleuze.

Palabras-clave: Movimientos sociales y currículos. Agenciamientos. Personajes conceptuales. Currículos *practicadospensados*.

*Quer ler livro, acha que merece?
Quer ir ao cinema, acha que merece?
Quer ir ao teatro, acha que merece?
O governador deu a cultura pra OAS.
Roubou a merenda... Pensa que me enrola?
Fala da crise... Pensa que me enrola?
Não dou um tostão! Pensa que me enrola?
Para de roubar e bota a grana na Escola!*
("Baile de greve", paródia criada pelos alunos da Escola de Teatro Martins Penna.)

ACERCA DAS BASES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS DESTE ARTIGO

Trabalhamos, há muito, no grupo de pesquisa a que pertencemos, com a ideia de *tessitura dos conhecimentos significações*³ em redes educativas que, ao vivermos, vamos formando e nas quais nos formamos, em relações com outros seres humanos e com artefatos culturais de todo tipo – de ideologias a computadores.

Essas relações, que produzem *conhecimentos significações* o tempo todo nas escolas, formam os inúmeros processos curriculares que trançam as propostas curriculares diversas que circulam nesses *espaçostempos* de convívio. Por isto mesmo, buscamos identificar algumas dessas redes educativas –

³ Lembramos, mais uma vez, que usamos estes – e outros - termos unidos e em itálico, com o objetivo de indicar que os termos que aprendemos dicotomizados, pelos modos de construção da ciência na Modernidade (ainda hegemônicos na contemporaneidade), têm significado limites ao desenvolvimento das pesquisas na corrente a que nos filiamos: pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Ao longo do texto, vários termos serão escritos juntos e em itálico por acreditarmos que são indissociáveis, já que ação e pensamento não estão separados em nossos cotidianos.

que percebemos serem de *prácticasteorias* – nomeando-as assim: a das ‘prácticasteorias’ da formação acadêmica; a das ‘prácticasteorias’ pedagógicas cotidianas; a das ‘prácticasteorias’ das políticas de governo; a das ‘prácticasteorias’ coletivas dos movimentos sociais; a das ‘prácticasteorias’ das pesquisas em educação; a das ‘prácticasteorias’ de produção e ‘usos’ de mídias; a das ‘prácticasteorias’ de vivências nas cidades (no campo ou à beira das estradas) (ALVES, 2010; 2014 b). Mais recentemente, entendemos que em todas essas redes são formados “mundos culturais” diversos, conectados em múltiplos *espaçostempos* e nos quais as artes têm especial papel articulador e de referência aglutinadora (ANDRADE e ALVES, 2014; 2013; ALVES, 2015, 2014 a). Estamos mesmo trabalhando com a ideia de que esta é mais uma das redes educativas de formação que pode ser assim nomeada: a das *prácticasteorias* da criação, fruição e uso das artes.

Essas múltiplas relações dos seres humanos e dos artefatos culturais diversos – de crenças a computadores; de ideologias à Internet - atuam diferentemente nos *espaçostempos* dos tantos *dentrofora* das escolas. Entendemos ser necessário, assim, às pesquisas em currículos, buscar compreender como se dão essas relações tanto dentro de cada uma das redes educativas, como nas relações que mantêm entre si, a cada momento histórico que atravessamos, o que estamos fazendo, há muito, no grupo de pesquisa.

Neste artigo, buscamos perceber parte dos *agenciamentos* presentes nos movimentos estudantis recentes de ocupação de escolas, no estado de Rio de Janeiro, para, futuramente, pensar como estas ações possíveis outras das oficiais em currículo, que se dão nas ocupações e que compreendemos enquanto uma gama importante de possibilidades de existência de algo novo, podem contribuir para a criação curricular contemporânea. As mudanças que estes *agenciamentos* e as *práticas* nas ocupações criam nos currículos é um processo *nos/dos* cotidianos e acreditamos que devam ser pensadas de forma mais atenta pelos pesquisadores da Educação.

CONTEXTUALIZANDO

O funk “Baile de favela”, de Mc João, virou “Baile de greve” - com a poesia que nos serve de epígrafe - na voz dos estudantes da Escola Estadual de Arte Dramática Martins Penna, no Rio de Janeiro. É possível ver/ouvir o vídeo de uma apresentação pública dos estudantes, realizada no dia 09 de março de 2016, em frente à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e que foi compartilhado no link <https://www.youtube.com/watch?v=EZKRw5i0I0>. Na paródia, os estudantes denunciam toda a má administração estadual que resultou no chamado “estado de calamidade pública”, decretado pelo governador em exercício, no momento, Francisco Dornelles.

Assim, a escrita deste texto se deu em um momento bastante específico do estado do Rio de Janeiro. Vivendo uma “crise econômica”, o governo do estado modificou o calendário de pagamento dos servidores, atrasou o pagamento das empresas prestadoras de serviços, prejudicando diversos setores, dividiu a segunda parcela do décimo terceiro dos servidores em cinco vezes, parcelou salários dos aposentados, não aplica verba suficiente para o funcionamento de suas escolas, hospitais, unidades de segurança, de suas universidades - UERJ, UENF e UESO.

Neste contexto, os profissionais da educação iniciaram um movimento grevista que, no momento da *tessitura* deste artigo, já se estende por mais de quatro meses⁴. Embora a rede estadual de educação tenha uma tradição de mobilizações e lutas trabalhistas, sendo as greves mais recentes as vividas em

⁴ A greve se encerrou em 26 de julho de 2016.

2011, 2013 e 2014, neste ano de 2016, testemunhamos um diferencial nos movimentos grevistas em nosso estado que é a participação intensa dos estudantes, não apenas em apoio aos docentes e demais profissionais da educação, mas com uma pauta própria de reivindicações.

Já são diversos os atos organizados por estudantes, que buscam denunciar: a redução das verbas enviadas às escolas; a carência de recursos básicos, como água e material de higiene; a estrutura precária das escolas; a falta de merenda; a quase inexistência de funcionários; a retirada dos aparelhos de ar-condicionado das escolas ou a inutilidade dos aparelhos ainda existentes; a falta de manutenção e precarização das unidades escolares; a não distribuição dos materiais enviados às escolas ou comprados por estas; a má administração da verba pública etc.

É neste contexto, que este artigo é escrito - como uma tentativa de tecer uma *conversa*⁵ entre os estudantes, as pesquisadoras e vocês, leitorxs, todos nós *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) de nossos múltiplos cotidianos. Não se trata de uma análise dos movimentos estudantis, mas de narrar⁶ e problematizar algumas das *conversas* tidas com três destes estudantes: Michel, do Colégio Estadual Mendes de Moraes, localizado na cidade do Rio de Janeiro, e Iasmim e Luiz, ambos do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, em Duque de Caxias. Além disso, narrar parte das vivências das manifestações e conhecer um pouco mais daquilo que nos querem ensinar, buscando perceber como a mídia hegemônica vem fazendo leituras e apropriações dos movimentos estudantis e quais são os *agenciamentos*⁷ destes movimentos e aqueles que geram em nós ao nos serem narrados. Desejamos, assim, discutir, nos *espaçostempos* acadêmicos, aquilo que já explodiu nas escolas estaduais, nas ruas, nas casas desses estudantes, nas múltiplas mídias etc apesar do momento político nacional e mundial adverso.

Antes de começarmos esta *conversa*, vale destacar que este, como todo texto, é datado. O que, de nenhuma forma, o congela nos *espaçostempos* nos quais foi tecido. Podemos, com ele, seguir diversos fios deste emaranhado e deixar que nossas *redes*⁸ nos levem para outras tantas discussões que não estarão, a princípio, contempladas nas próximas linhas. Porém, quando escrevemos que este texto é datado, o fazemos para dizer que o mesmo está sendo escrito no mês de julho de 2016, em meio a manifestações de estudantes e profissionais da educação no Rio de Janeiro e em meio à ocupação, e seguida desocupação, de diversas escolas públicas estaduais por seus estudantes.

Ao longo dos últimos meses foram mais de setenta escolas ocupadas, assim como prédios das chamadas Metropolitanas (unidades administrativas da Secretaria Estadual de Educação em cada região) e o próprio prédio da Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC). Entre negociações e movimentos de

⁵ Para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos as conversas são formas muito mais interessantes de interagir com os praticantespensantes, pois, em sua “informalidade”, fogem de perguntas fechadas que podem vir a engessar a pesquisa. As conversas são entendidas como o lócus principal nestas pesquisas.

⁶ Uma vez que compreendemos as narrativas dos praticantespensantes como importantes para o nosso pensamento, este texto também pretende ser uma narrativa possível da pesquisa realizada.

⁷ Nossa compreensão sobre “agenciamento” se liga ao modo como os coloca Deleuze (2011) que será melhor trabalhado adiante.

⁸ Reforçamos: compreendemos que somos formados e nos formamos em redes de conhecimento e significações. Esta imagem das redes rompe com a organização do conhecimento desenhada na Modernidade, ou seja, rompe com o conhecimento linear, hierarquizado e dicotômico, cuja imagem consagrada é a da árvore que tem, ainda, posição hegemônica nas propostas oficiais de currículo, como, por exemplo, atualmente, vem tendo nas propostas da Base Nacional Comum Curricular.

desocupação violentos, atualmente são pouquíssimas as escolas que permanecem ocupadas, assim como o prédio da SEEDUC.⁹

Imagem 1 – Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, primeiro colégio estadual ocupado pelos estudantes no Rio de Janeiro. Foto da autora.



Fonte: Foto tirada pela autora.

Ainda que a maioria das escolas antes ocupadas já tenham retomado parte de suas atividades escolares, nenhuma *conversa* fica perdida. Ela se transforma ao entrar em nossas *redes*. Este é, assim, o objetivo deste texto: pensar, sempre a partir de nossas *redes*, parte do vivido nos movimentos estudantis nos *espaçostempos* de sua *tessitura*¹⁰ e como isto nos ajuda a *tecerpensar* outros movimentos sociais do nosso século e os modos como influenciaram/influenciam os processos curriculares.

Para contribuir com nossa *conversa*, usaremos¹¹ algumas ideias de autores como: Castells (2013), Alves (1999, 2000, 2008, 2012), Alves e Andrade (2013) e Certeau (2012). No entanto, *conversaremos*

⁹ Embora o texto trate dos movimentos de ocupação das escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, ocorridas, em especial, no primeiro semestre de 2016, no momento da revisão deste texto para sua publicação (novembro/2016) novas ocupações ocorrem nas escolas, institutos e universidades em cerca de 21 estados do país. Mais de 1.000 instituições de ensino já estão ocupadas contra a Proposta de Emenda à Constituição 241 (a PEC 55 no Senado) e a Reforma do Ensino Médio (que está sendo realizada sem discussão com a comunidade escolar).

¹⁰ Nas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos*, entendemos que os movimentos de criação de conhecimentos/significações se dão em *tessitura*. Não se trata de uma construção, que remete a algo hierarquizado e linear como se pensa quanto aos conhecimentos criados pelas ciências, a partir da Modernidade, mas de tecer coletivamente *redes* com múltiplos fios que se articulam de diferentes formas, o que os torna incontroláveis.

¹¹ Certeau (2012) nos ensina que a toda produção do poder (ou poderes) correspondem múltiplos e imprevisíveis usos por parte dos praticantes no cotidiano. Quando usamos alguma coisa ou uma ideia estamos criando a partir dela. Embora sua obra *A invenção do cotidiano* tenha sido publicada no Brasil em 1994, usaremos aqui a edição de 2012.

especialmente com os escritos dos filósofos Deleuze e Guattari (2010, 2011), com destaque para as ideias de: *personagens conceituais*, *rizoma* e *agenciamentos*. Estas ideias, e tantos outros elementos, que já são fios entrelaçados em nossas *redes de conhecimento significações*, ganharão espaço no texto a partir do movimento de *tessitura* de sua escrita.

Vale lembrar, ainda, que ao escrever este texto, estamos criando algo a partir de nossas memórias do vivido nos encontros com os estudantes nas escolas ocupadas, em suas manifestações e nos atos da greve de *professorxs*¹² e a partir do que as suas *narrativas* movimentaram em nossas *redes*. Sabemos também que vocês, leitorxs, entrarão nesta *conversa* conosco, levando para outros *espaçotempos*, misturadas em suas *redes*, as questões que aqui estarão presentes.

PARA MOVER O PENSAMENTO, NOSSOS PERSONAGENS CONCEITUAIS: narrativas dos estudantes, fotografias e as ideias dos autores

Deleuze e Guattari (2010), ao discutirem o que seria a Filosofia, nos trazem a ideia dos *personagens conceituais*. Segundo os autores, estes ajudariam o filósofo a criar os conceitos, ação que caracteriza a Filosofia. Esta ideia foi concebida a partir da necessidade de pensar o modo como Deleuze desenvolve seu pensamento. Ele o faz a partir de leituras e ‘conversas’ com filósofos e obras de arte, como o faz com Leibniz (DELEUZE, 1991) e com artistas: como Bacon e suas pinturas (DELEUZE, 2007); como Proust com o seu *A La recherche du temps perdu* (DELEUZE, 2003); com diversos diretores de cinema e seus filmes (DELEUZE, 2009; 1985); e com aqueles que fazem teatro (DELEUZE, 2010). Trabalhando juntos, Deleuze e Guattari fazem o mesmo com Kafka (DELEUZE e GUATTARI, 2014).

Em pesquisas com os cotidianos, Alves (2013) faz *uso* da ideia de *personagens conceituais* ao afirmar que estes são “o outro” com quem conversamos para mover o pensamento. A autora considera, em suas pesquisas, as imagens e os sons – em filmes e outros artefatos – bem como as narrativas dos *professorxs* como *personagens conceituais*, assim os explicitando

[...] em “conversas” permanentes com os diversos grupos de pesquisa que *faziampensavam* as pesquisas com os cotidianos – e estimulada pelas constantes perguntas de Antonio Carlos Amorim (Unicamp), sobre o que significavam as imagens (e as narrativas) nessas pesquisas – fomos levados, nas “conversas” de nosso grupo de pesquisa, a compreender as imagens e as narrativas como “personagens conceituais” (DELEUZE e GUATTARI, 1992), ou seja, como aquele que “fazemos falar e perguntar por nós”, como Deleuze indica que Descartes faz com seu personagem “o Idiota”. Ou seja, como o ‘outro’ com que ‘conversamos’ permanentemente, que nos vai colocando perguntas, que nos obriga a pensar para fazer caminhar o pensamento e com o qual criamos *conhecimentossignificações* com tudo o que vamos acumulando, organizando e articulando ao desenvolver as pesquisas. (ALVES; ANDRADE, 2013:3-4)

Desta forma, compreendemos os *personagens conceituais* como aqueles com quem conversamos e que nos mobilizam o pensamento, que movimentam nossas *redes de conhecimento significações*, nos auxiliando a pensar sobre os múltiplos cotidianos e ajudando o pesquisador a criar

¹² Escrevemos professorxs para destacar que estamos atentos às questões de gênero presentes na utilização de algumas palavras no gênero masculino para tratar de espaçotempos e praticantespensantes majoritariamente femininos.

conhecimentossignificações nos processos que desenvolve. Seguindo esta ideia, as *narrativas* dos estudantes, as fotografias tiradas nos movimentos, as músicas cantadas e tocadas etc. também são *personagens conceituais* que conversarão conosco na *tessitura* deste texto.

Longe de nos apresentarem respostas às nossas perguntas, eles aqui estão para nos ajudar a criar perguntas, a mover nossas ideias, a tecer novos e múltiplos fios nas relações com os *praticantespensantes* de escolas com os quais ‘conversamos’. Não servem para nos dar conforto, mas para nos inquietar. Estão fora de nós, mas operam em nós, modificando o pensamento.

“OCUPAR, RESISTIR, LUTAR PRA GARANTIR!”

Estas palavras de ordem foram e ainda são cantadas por manifestantes brasileiros ao ocupar *espaçostempos* públicos, a exemplo da rua, ou ao ocupar instituições símbolos do regime democrático ou do poder econômico que consideram como importantes para o debate em torno de uma ou múltiplas causas.

Este *uso dos espaçostempos* é *agenciado* por alguns movimentos históricos anteriores e, mais recentemente, pelos movimentos conhecidos como “Occupy”, que marcaram diversas partes do mundo no início deste século XXI. Por exemplo, o “Occupy Wall Street”, iniciado em setembro de 2011, foi marcado por uma série de manifestações contra a ganância corporativa que, como os manifestantes afirmavam, deixa as riquezas nas mãos de um 1% da população mundial enquanto a maioria, os 99%, deveriam partilhar o 1% que sobra. O movimento ganhou espaço, não somente nas ruas, mas no cenário econômico e político norte-americano, influenciando movimentos *dentrofora* dos Estados Unidos.

Imagem 2 – Manifestantes do movimento Occupy Wall Street.



Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/mundo/noticia/?id=100000499900>. Acesso em 17/04/2016.

Imagem 3 – Manifestante participando do movimento Occupy Wall Street.



Fonte: <http://www.portalconscienciapolitica.com.br/products/capitalismo-financeiro-e-o-movimento-occupy/>. Acesso em 17/04/2016.

Manuel Castells (2013) busca pensar os movimentos do início do século XXI, como os ocorridos na Tunísia, na Islândia, na Espanha, na Grécia, em Portugal, na Itália, em Israel e, inclusive, no Brasil. Em sua obra, o autor tenta traçar o que considera algumas características comuns entre os movimentos atuais, mas que os diferenciam de outros movimentos históricos anteriores. Chama os movimentos sociais do século XXI, como o "Occupy", de "movimentos sociais em rede", devido ao papel da internet em sua *tessitura*.

Uma das características dos movimentos do século XXI, segundo Castells (2013), é que estes começam em contextos específicos e realizam-se de forma própria ao ocupar o espaço público, mas que são globais na medida em que se mantêm conectados a outros locais e movimentos via internet, sendo seus manifestantes - para nós *praticantespensantes* dos *espaçostempos* públicos - influenciados por eles e influenciando-os também. Desse modo, Castells indica que

[...] também são globais, pois estão conectados com o mundo inteiro, aprendem com outras experiências a se envolver em sua própria mobilização. Além disso, mantêm um debate contínuo na internet e algumas vezes convocam a participação conjunta e simultânea em manifestações globais numa rede de espaços locais. Expressam uma profunda consciência da interligação de questões e problemas da humanidade em geral e exibem claramente uma cultura cosmopolita, embora ancorados em sua identidade específica. (CASTELLS, 2013:161)

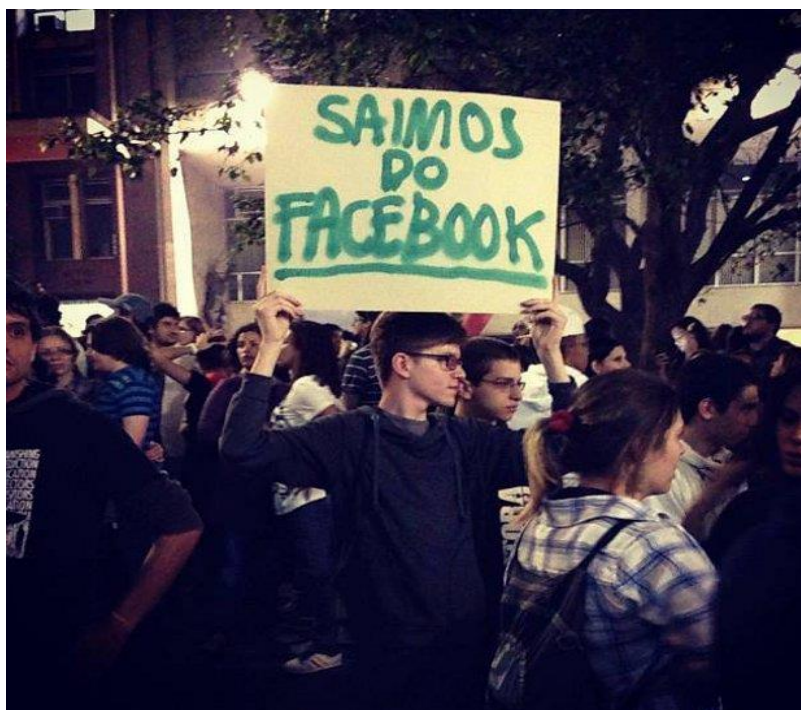
Tal característica, ainda segundo o autor, anda de mãos dadas com outra: serem os movimentos do século XXI virais, ideia também ligada às redes da internet. Para Castells (2013), o caráter viral não está ligado apenas à velocidade ou ao alcance incontrolável na difusão das imagens, mensagens e

notícias, mas, em especial, por estas mesmas servirem de demonstração de práticas de protesto, aumentando a esperança na mudança, mobilizando os indignados. A indignação é o sentimento que mobiliza os manifestantes, sendo necessário que o medo (sentimento paralisante) seja superado pela esperança. “Ver e ouvir protestos em algum outro lugar, mesmo que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização, porque desencadeia a *esperança* da possibilidade de mudança”. (CASTELLS, 2013:162)

Ainda para este autor, a internet possibilita: a conexão entre as pessoas indignadas com algo vivido em sua sociedade, o convite à mobilização destas mesmas pessoas, as atividades de deliberação, o caráter viral do movimento, a inexistência ou a dificuldade para que surja uma liderança formal, outras possibilidades de denúncia dos abusos do poder, uma maior resistência à repressão etc. Castells (2013) defende que os movimentos se dão em um espaço híbrido, interação dos espaços virtual e urbano.

Impossível negar o impacto da internet e, em especial, das redes sociais na *tessitura* dos movimentos atuais. Atualmente, as redes sociais via internet são *usadas* com a intenção de contribuir para a divulgação dos movimentos em todo o globo, de forma a servir de estímulo para outras lutas, em outros *espaçostempos*, pois cria a sensação de que os indignados, os que ocupam os *espaçostempos* públicos, não estão sozinhos, mas contam com o respaldo dos indignados em todo o mundo. Assim, através das próprias redes sociais, como o Facebook, por exemplo, podemos afirmar que tais informações, imagens destes movimentos, debates etc. são visualizados, curtidos e compartilhados, e, também, criados como são os *conhecimentosignificações* nos tantos *espaçostempos* em que vivemos, potencializando ou não a continuidade dos movimentos.

Imagem 4 – Manifestante brasileiro.



Fonte: <https://catandokinhos.com/2013/06/15/pacato-cidadao/>.
Acesso em 18/04/2016.

Seguindo as ideias até aqui apresentadas, queremos destacar os impactos destes movimentos, como o Occupy e tantos outros por todo o mundo, na *tessitura* dos movimentos ocorridos no Brasil, não

apenas os realizados em junho de 2013, mas também os realizados por estudantes ao ocuparem suas escolas, seja no Rio de Janeiro, em 2016, ou em outros estados, a exemplo de São Paulo, em 2015.

No entanto, é necessário chamar a atenção para as múltiplas redes, para além da internet, que participam da *tessitura* dos movimentos estudantis no Rio de Janeiro e em todo o país. São múltiplas as *redes de conhecimento significações* presentes na criação dos movimentos de ocupação, como, por exemplo, as *redes* familiares, políticas - a exemplo da atuação dos grêmios estudantis - as relações tecidas com os profissionais da educação com os quais os estudantes lidam cotidianamente, *redes* de amigos, as *redes* tecidas *com/a partir* das mídias etc. Em síntese, as tantas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos.

Ao organizarem movimentos que escapam às explicações limitadas, às figuras de líderes estudantis ou à ideia, que circula em muitos meios, de que estes jovens estão sendo “manipulados” pelo movimento grevista docente, os estudantes têm mostrado que são múltiplas as *redes de conhecimento significações* no *dentrofora* das salas de aula que conseguem articular. Buscar compreender como estas múltiplas *redes de conhecimento significações* fazem e se articulam umas nas outras – em movimentos rizomáticos - é fugir das compreensões superficiais acerca dos movimentos de ocupação nas escolas estaduais do Rio de Janeiro e em tantos outros lugares.

Deleuze e Guattari (2011) propõem a ideia de *rizoma* como uma forma de pensar uma teoria das multiplicidades, na intenção de apresentar uma crítica à teoria do conhecimento pautada na grafia em *árvore*, criada na Modernidade, e que hierarquiza os conhecimentos. Esses autores, no entanto, não excluem uma em detrimento da outra, mas afirmam que elas coexistem e se entrelaçam.

De acordo com os autores, o *rizoma* remete a um caule subterrâneo que, crescendo horizontalmente, ramifica-se e multiplica-se de forma desordenada. Sem ter início ou fim, o *rizoma* é marcado pela conexão e pela heterogeneidade, ligando um ponto qualquer a outro ponto qualquer, projetando-se em diversas direções e modificando aquilo com o qual se conecta. Dizem, então:

[...] contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema acentrado não hierárquico e não significativo, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e o artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de “devires”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011:43-44)

Mas como a imagem do *rizoma* se liga aos movimentos estudantis e de ocupação no Rio de Janeiro?

Parte da opinião pública vem, desde a ocupação das escolas em São Paulo, em 2015, tentando ora criminalizar os estudantes, acusando-os de fazerem mau uso do espaço público e realizando desocupações de forma violenta, ora tratando-os enquanto vítimas de uma manipulação, seja de *professorxs*, de movimentos sociais, de sindicatos etc, aterrorizando os responsáveis dos menores de idade e responsabilizando outros movimentos por colocá-los em “risco”.

Como pensar estes estudantes como criminosos, vândalos (palavra que esteve em voga em 2013) ou vítimas se consideramos que os movimentos sociais são tecidos a partir de múltiplas *redes de conhecimento significações* no *dentrofora* das escolas e que as ocupações das escolas se tecem como

rizoma com outros tantos movimentos? E, se compreendemos que esta é uma imagem enganosa, como tecer uma pesquisa para pensar os movimentos sem reduzi-los?

Acreditamos que um caminho possível seja pensar que os movimentos que explodiram pelo mundo no início do século XXI, ocupando nossas redes sociais via internet como vírus cibernéticos, movimentando nossas *redes* e, nelas, nossos sentimentos e nossos *conhecimentossignificações*, com seu caráter local e global, auxiliando-nos a repensar nossas realidades e despertando em nós o gosto em tomar as ruas de nossas cidades, foram *agenciamentos* (DELEUZE; GUATTARI, 2011) para os movimentos de ocupação das escolas em diversos estados brasileiros, em destaque no Rio de Janeiro neste ano de 2016.

Imagem 5 – Ato dos estudantes das escolas Visconde de Cairu, Central do Brasil e outras na Rua Dias da Cruz, no Méier, no dia 10 de março de 2016. Foto enviada por redes sociais.



Fonte: Foto enviada por WhatsApp.

Deleuze e Guattari (2011) nos ensinam que tais *agenciamentos* são formados por “multiplicidades de multiplicidades” e que estão presentes em nossas falas, ações, pensamentos etc, compondo os *rizomas*. Ao pensar os *agenciamentos da enunciação*, por exemplo, os autores colocam que “cada um de nós é envolvido num tal agenciamento, reproduz o enunciado quando acredita falar em seu nome, ou antes fala em seu nome quando produz o enunciado” (DELEUZE; GUATTARI, 2011: 64-65). Desta forma,

quando agimos não o fazemos sozinhos, mas a partir de *agenciamentos* presentes nos *rizomas* ou em nossas *redes de conhecimento significações*.

François Zourabichvili (2009) busca tratar a ideia de *agenciamento* a partir dos escritos de Deleuze e nos explica que

[...] dir-se-á portanto, numa primeira aproximação, que se está em presença de um agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente. Na realidade, a disparidade dos casos de agenciamento precisa ser ordenada do ponto de vista da imanência, a partir do qual a existência se mostra indissociável de agenciamentos variáveis e remanejáveis que não cessam de produzi-la. (ZOURABICHVILI, 2009: 6)

Zourabichvili (2009) segue seu texto tratando da diferença entre os agenciamentos molares e moleculares, sendo os primeiros ligados às instituições ou experiências sociais mais territorializadas e os outros mais locais ou menos territorializados. Ele nos diz que

[...] cada indivíduo deve lidar com esses grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos, que se caracterizam por uma forma relativamente estável e por um funcionamento reprodutor: tendem a reduzir o campo de experimentação de seu desejo a uma divisão preestabelecida. Esse é o pólo estrato dos agenciamentos (que são então considerados "molares"). Mas, por outro lado, a maneira como o indivíduo investe e participa da reprodução desses agenciamentos sociais depende de agenciamentos locais, "moleculares", nos quais ele próprio é apanhado, seja porque, limitando-se a efetuar as formas socialmente disponíveis, a modelar sua existência segundo os códigos em vigor, ele aí introduz sua pequena irregularidade, seja porque procede à elaboração involuntária e tateante de agenciamentos próprios que "decodificam" ou "fazem fugir" o agenciamento estratificado: esse é o pólo máquina abstrata (entre os quais é preciso incluir os agenciamentos artísticos). (p. 6)

Não podemos confundir a existência dos *agenciamentos* com forças que determinam e engessam o *agir pensar agir* dos *praticantes pensantes* dos movimentos sociais. Ao contrário, é justamente esta "multiplicidade de multiplicidades" (DELEUZE; GUATTARI, 2011: 62) que permite a criação de algo novo a partir dos emaranhados de fios de nossas *redes*, potencializando a criação, para além da reprodução. A decodificação, as linhas de fuga, surgem nas irregularidades, nas práticas cotidianas criativas. Os autores nos dizem que

[...] um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE; GUATTARI, 2011:24)

Certeau (2012) contribui para esta *conversa* ao nos ensinar que, para cada criação do poder, nas operações de consumo, há múltiplos *usos* realizados pelos *praticantes* o que os leva, necessariamente, à criação. Os *usos* são múltiplos e tornam-se, por sua vez, também *agenciamentos* para outras

prácticasteorias. Desta forma, mesmo os *agenciamentos* que vêm dos lugares de poder podem gerar inúmeras práticas inesperadas, criadoras, potentes.

Deleuze e Guattari também ensinam que o *agenciamento* possui agentes coletivos, o que não significa, necessariamente, uma coletividade identificada em uma associação, instituição ou coletivo político-social, mas a própria multiplicidade incomensurável. Estas multiplicidades tecem os *rizomas*, tecem nossas *redes de conhecimento* e tecem os movimentos sociais ao longo da História.

“O PROFESSOR É MEU AMIGO. MEXEU COM ELE, MEXEU COMIGO!”

Em 2013, após muitas cenas de violência na repressão policial ao movimento grevista dos profissionais da educação e, inclusive, após as ações do grupo Black Bloc na tentativa de proteger os docentes em diversas situações de enfrentamento com a Polícia Militar do Rio de Janeiro, passaram a ser comuns as palavras de ordem: “O professor é meu amigo. Mexeu com ele, mexeu comigo”.

As cenas das repressões violentas, agravadas quando da proximidade da Copa do Mundo no Brasil, ganharam as redes sociais e parte da mídia, gerando um incômodo. Estudantes e responsáveis acompanhavam as assembleias, prestavam solidariedade à luta dos profissionais da educação, davam informes etc e esta participação acabou fazendo com que os estudantes vivessem experiências que talvez não fizessem parte dos cotidianos da maioria das escolas, como a organização das assembleias, as discussões em torno da luta de classes, o acompanhamento das negociações com o governo, a atenção aos informes jurídicos, realização de atos de protesto nas ruas etc.

Os *agenciamentos* de outros movimentos de ocupação, seja no estado de São Paulo, como em diversas outras partes do mundo, no movimento realizado pelos estudantes em outros estados são inquestionáveis. A mobilização dos estudantes paulistas contra a reestruturação da rede proposta pelo governo estadual e seu impacto para as lutas dos estudantes no Rio de Janeiro fica evidenciada na fala de Michel, estudante do Colégio Estadual Mendes de Moraes, primeiro colégio estadual ocupado do Rio de Janeiro e localizado na ilha do Governador. Ele nos disse:

A gente está recebendo um apoio muito maneiro da galera de São Paulo. A gente é o primeiro colégio ocupado e a gente deixa bem claro que a gente tem sim influência deles e que a gente está recebendo uma herança do que eles fizeram. (Fala de Michel, em 26/03/2016.)

Imagem 6 – Estudantes ocupam escolas em São Paulo, em 2015.



Fonte: <http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/11/estudantes-prometem-novas-ocupacoes-em-escola-na-proxima-semana-2084.html> Acesso em 17/04/2016.

No entanto, outras experiências de mobilização social foram importantes para potencializar as lutas estudantis em 2016 no Rio de Janeiro. As próprias experiências de ocupação a partir de junho de 2013 e a greve dos profissionais de educação das redes municipal e estadual do mesmo estado nos anos de 2013 e 2014 podem ter sido *agenciamentos* para os estudantes. A participação de estudantes secundaristas nas manifestações de junho de 2013 em diversas cidades do país, sua participação em variados debates nas redes sociais, a participação de alguns deles, inclusive, no movimento Black Bloc etc. nos mostra que estes jovens possuem e criam múltiplos *agenciamentos* nos tantos *dentrofora* de suas escolas.

A própria participação ativa dos estudantes nas manifestações e assembleias dos profissionais da educação nas greves de 2013 e 2014 é um *agenciamento* possível. Vale lembrar, que antes da ocupação do Colégio Estadual Mendes de Moraes, seus estudantes e os de outras escolas já haviam declarado apoio à greve da educação e participavam ativamente das assembleias e atos do movimento grevista.

Imagem 7 – Estudantes participam do ato dos profissionais de educação do Estado do Rio de Janeiro, no dia 02 de março de 2016.



Fonte: Foto tirada pela autora.

Uma outra fala que ouvimos, neste momento, nos falava da situação das escolas

A situação está insuportável. Não dá mais pra ficar calado. É agora ou nunca. Não tem ar-condicionado, não tem ventilador, não tem nada. Sala de aula não tem professor direito, o profissional é mal remunerado, não tem porteiro, segurança na escola. Existem escolas que ocupam um quarteirão inteiro e, se tiver três funcionários ali, é muito. (Fala do Luiz, em 16/03/2016.)

Imagem 8 - Estudantes reunidos e cantando palavras de ordem na assembleia e ato dos *professorxs* no Largo do Machado, em 16 de março de 2016.



Fonte: Foto tirada pela autora.

Isto não significa, porém, que o movimento dos estudantes secundaristas é um desdobramento do movimento dos profissionais da educação. Michel nos conta que os estudantes recebem apoio de *professorxs*, sindicatos, movimentos sociais, mas que, embora toda a ajuda seja bem-vinda, o movimento é dos estudantes e é autônomo. Afirma que o movimento estudantil no Rio de Janeiro, em 2016, se tece em apoio ao movimento dos profissionais da educação, mas deixa claro que este apoio, radicalizado nas ocupações, foi um diferencial no movimento grevista de 2016 e isto é mérito dos estudantes e sua organização. Em suas próprias palavras:

A gente sempre foi tratado como a diferença dessa greve, porque essa greve teve o apoio dos estudantes, teve esse lado diferente. Então a gente sempre foi tratado como algo muito importante, o apoio dos estudantes. (...) Então, a gente está recebendo um apoio bem legal, e é um apoio que não tem nada em relação à política, a pessoas aqui dentro falando, comandando. É aquilo, o pessoal ataca dizendo (...) que eles querem dominar, mas não, o apoio existe, tudo bem, mas aqui dentro o movimento é dos estudantes. (Fala do Michel, em 26/03/2016.)

Michel, em alguns momentos de nossa *conversa*, relata embates entre os estudantes que participam das ocupações, a direção e *professorxs* que não aderiram ao movimento grevista. Fala, também, da necessidade de unir os estudantes a favor e contrários à ocupação e, para isto, afirma que a organização de assembleias apenas dos estudantes é de grande importância.

Queremos defender neste texto que ambos os movimentos, de estudantes e docentes, realizam *rizoma* uns nos outros, compartilham e cruzam suas *redes de conhecimento significações*, são *agenciamentos* uns para os outros e para tantas outras *práticas* realizadas ou ainda por vir. Essas

aprendizagens de modos outros de convivência de uns com os outros trazem indagações importantes aos processos curriculares às quais será preciso responder juntos.

“O POVO NÃO É BOBO, ABAIXO À REDE GLOBO”: MANIPULAÇÃO OU APROPRIAÇÃO?

Os *agenciamentos* não são observados apenas entre os movimentos sociais. *Agenciamentos* são linhas de força que se exercem para múltiplas direções e, falando das mídias, se é inegável que estas fazem *agenciamentos* nas escolhas e posicionamentos políticos dos jovens, também sofrem os *agenciamentos* realizados por estes, buscando dar conta, não apenas do que se passa nas múltiplas realidades, mas atrair os jovens para sua programação e direcionar certos debates de acordo com um conjunto de interesses.

Trago, para exemplificar esta afirmação, alguns episódios de “Malhação: seu lugar no mundo”, uma novela voltada para o público adolescente e que se propõe a apresentar temáticas relevantes a este. Nesta novela, os estudantes de uma escola estadual, D. Fernão (vale lembrar que o nome de uma das primeiras escolas ocupadas em São Paulo era Escola Estadual Fernão Dias), ocupam as dependências do colégio exigindo que o mesmo não seja fechado. Em defesa do colégio, os estudantes se reúnem e contam com o apoio de alguns *professorxs* e do diretor da instituição. Tais episódios foram ao ar em fevereiro e março de 2016, alguns meses depois das manifestações de estudantes de São Paulo e da ocupação de diversas escolas no estado.

Imagem 9 – Capítulo de Malhação exibido em 29/02/2016.



Fonte: <http://www.pressenza.com/pt-pt/2016/03/malhacao-tentou-construir-mundo-imaginario-sobre-as-escolas-em-luta/>. Acesso em 18/04/2016.

No entanto, a pauta dos estudantes da novela não é a mesma dos estudantes paulistas. Os capítulos da novela mostram-se como uma apropriação do que foi vivido no movimento estudantil meses antes. Enquanto os estudantes paulistas protestavam contra o fechamento de diversas escolas na rede e o remanejamento dos estudantes para lugares muito distantes de suas moradias, contra o desvio

de verba destinado à merenda etc, os estudantes da novela “Malhação” lutavam contra o fechamento de sua escola por conta da construção de um parque no local. Não existia na novela questões em torno da má administração da educação pública e, tampouco, tratava-se de uma questão de toda a rede estadual, mas de apenas uma escola. Em “Malhação”, enquanto a relação com o governo pouco aparece, sendo citadas reuniões na Secretaria de Educação, mas sem grandes discussões em torno disso; a relação com a polícia aparece de forma bem diferenciada da vivida pelos estudantes paulistas. Enquanto em São Paulo foram denunciadas ações arbitrárias e violentas dos policiais em relação às ocupações estudantis, o que já ocorreu também no Rio de Janeiro, na novela, a polícia vai ao local por conta da denúncia de um dos responsáveis, age sem nenhuma violência e retira-se pacificamente quando o diretor da escola diz estar presente.

Estas formas de tratar de um tema presente na sociedade e diretamente ligado aos jovens é fruto das apropriações, das criações também realizadas pelas mídias acerca das múltiplas realidades cotidianas. Que isto se dê com base em interesses específicos de um grupo não é um problema, mas algo que deve ser pensado e discutido: como as mídias, em especial as hegemônicas, têm feito *usos* também do que é criado/discutido nos movimentos sociais?

Como são necessárias escolhas para a escrita de um texto, deixamos esta discussão no ar para outras *conversas* futuras. Vale destacar, no entanto, que hoje um dos ganhos dos movimentos sociais é criar formas cada vez mais eficientes de, através das redes sociais, informar, discutir, deliberar, compartilhar imagens etc. acerca de suas próprias *práticas*. Isto não significa que as mídias hegemônicas perderam espaço, significa, no entanto, que *espaçostempos* midiáticos então sendo constantemente disputados. Vale também destacar que, na mesma novela, em capítulos mais recentes, a questão da falta de manutenção das unidades escolares e a possibilidade de uma greve de *professorxs* e funcionários vêm sendo apresentados. Mas este é um assunto para outra *conversa*, como já dissemos

Sobre esta disputa em torno dos *espaçostempos* midiáticos, acreditamos ser importante chamar atenção para o papel das páginas no Facebook criadas pelos estudantes das escolas ocupadas como *espaçostempos* virtuais de *tessitura* de ideias, imagens, notícias, debates, deliberações, convocações para o movimento etc. As páginas no Facebook, assim como canais de vídeos no YouTube, registros fotográficos no Instagram são, também, formas de *agenciamentos* destes movimentos estudantis na *tessitura* de tantos outros movimentos. Escrevemos isto porque queremos ressaltar que, da mesma forma que os movimentos de ocupação destas escolas foram tecidos a partir de múltiplos *agenciamentos*, também o são para a *tessitura* de outros movimentos *dentrofora* do Brasil.

No entanto, algo bastante contraditório, e que é sinalizado pelos estudantes em muitos colégios ocupados, é que eles, conectados todo o tempo e que *usam* as redes sociais para tecer seus movimentos, não possuem, nos *espaçostempos* escolares, salas de informática funcionando ou acesso à internet. Michel, por exemplo, denuncia:

Nós temos a estrutura, mas não temos por parte da direção e por parte do governo a utilização. Vou dar o exemplo da sala de informática que está lá parada, fechada, com as máquinas se estragando e nunca tivemos nenhum professor relacionado à informática.(...) Outra questão que a gente vem sempre levantando, nós temos as nossas salas, aqui os roteadores, mas queremos deixar claro que não é usado: nós temos roteadores – Michel aponta para todos os aparelhos fixados nas paredes dos corredores – ali, outro roteador ali, mais pra lá tem outro e lá embaixo tem uma prestação de conta em relação àquilo que foi gasto. Tem um dinheiro relacionado à internet no

colégio, coisa que nós não recebemos. Então é um dinheiro que é gasto à toa. O único lugar que tem acesso à internet é na direção. (Fala do Michel, em 26/03/2016.)

UMA PROVISÓRIA CONCLUSÃO

rede Pezão veio quente, hoje eu tô fervendo.
Pezão veio quente, hoje eu tô fervendo
Quer desafiar? Não tô entendendo.
Mexeu com estudante,
já sabe que sai perdendo.

(Outra paródia do funk “Baile de favela” feita pelos estudantes de estadual.)

Pensando em como encerrar, temporariamente, esta nossa *conversa*, gostaríamos de dizer que esta foi tecida, inicialmente, a partir das músicas, palavras de ordem e imagens presentes, em especial, nos movimentos dos estudantes das escolas estaduais do Rio de Janeiro e como se apresentaram nas redes sociais. Escolhemos tecê-la *a partir/com* esses que transformamos em *personagens conceituais* por entendermos que os movimentos sociais nos movem na busca do que acreditamos serem escolas públicas de qualidade e que esta busca precisa ser tecida, ainda que nos gere muitas angústias e frustrações, *na/com* alegria e esperança. Que possamos, a partir do canto destes estudantes, das conversas que com eles tivemos e das imagens que nos doaram, com toda a energia empregada na luta por mudanças na política educacional do Estado do Rio de Janeiro, movimentar nossas *redes de conhecimento significações*, movimentar nossas vidas para conquistar as mudanças que desejamos, em especial em um momento político em que as discussões em torno da criação de uma Base Nacional Curricular Comum, pautada na lógica conteudista e empresarial, ameaça a valorização das práticas cotidianas existentes nas escolas e tecidas por seus *praticantes pensantes*.

Luiz e Iasmim, estudantes do I. E. Governador Roberto Silveira e futuros *professorxs*, e os estudantes do C. E. Mendes de Moraes nos deixam algo para mover o pensamento.

Se aprende na rua e na escola. Nos dois. Na rua é a forma mais dura. (Fala do Luiz, em 16/03/2016.)

Será que vale à pena? Mas ao mesmo tempo a gente vê tanta gente, tantos estudantes que se interessam e estão lutando por isso. Então, se há luta, se tem pessoas que correm atrás, é porque elas querem o melhor. (Fala da Iasmim, em 16/03/2016.)

Imagem 10 – Cartaz feito pelos estudantes do C. E. Mendes de Moraes.



Fonte: Foto tirada pela autora..

Os estudantes conquistaram, *a partir/com* sua mobilização, a eleição para a direção das escolas pela comunidade escolar e a promessa de envio de verba extra para as escolas ocupadas, o que vem sendo retardado por movimentos vários, pelo governo estadual. Ainda há muitas discussões em torno da reposição das aulas, do chamado currículo mínimo aplicado no estado em relação aos múltiplos currículos *praticados/pensados* nos cotidianos escolares e das concepções dos profissionais de educação e dos estudantes em torno da ideia de currículo, acerca das avaliações externas e sua remodelação etc. Ocupando ou não suas escolas neste momento, estes estudantes moveram-se e moveram algo por onde passaram. Nós devemos estar atentos para perceber quais *agenciamentos* potencializaram nas escolas do Rio de Janeiro e como *usaremos* o que aprendemos com eles para pensar novas *prácticasteorias* curriculares e novas formas de *ser e estar* nas escolas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Os "mundos culturais" dos docentes nas relações com imagens e sons dos filmes. In: Giovana Scareli. (Org.). *Educação, culturas, políticas e práticas educacionais e suas relações com a pesquisa*. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2015: 135-148.

_____. Os 'mundos culturais dos docentes'. In: Elizeu Clementino de Souza; Ana Luiza Grillo Balassiano; Anne-Marie Milon Oliveira. (Org.). *Escrita de si, resistência e empoderamento*. 1ed.Curitiba: CRV, 2014 a: 203-214.

_____. Sobre a existência de currículos em redes. In: Elza Neffa; Deise Keller Cavalcante; Maristela Barenco de Mello. (Org.). *Educação ambiental: reflexões político-pedagógicas*. Rio de Janeiro: MRA2, 2014 b: 25-49.

_____. *Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, suas imagens e sons*. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ, 2011. (Projeto de pesquisa, entre 2012 e 2017; financiamento UERJ, FAPERJ, CNPq).

_____. Redes Educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: Lucíola Santos; Ângela Dalben; Júlio Diniz, Leiva Leal. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade*. 66ed.Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010, v. 1, p. 1-49.

_____. *A aula: redes de práticas – os processos cotidianos de ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000 (tese de titular).

_____. Tecer conhecimento em rede. In.: ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

ANDRADE, Nivea Maria da Silva; ALVES, Nilda. Possibilidades de pesquisas com artefatos culturais nos cotidianos das redes educativas, em conversas. In: Raimundo Martins; Irene Tourinho. (Org.). *Pedagogias culturais*. 1ªed.Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014: 357-376.

_____. Histórias possíveis entre imagens: conhecimentos e significações na produção de vídeos em escolas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013: 135-151.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 19 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Sobre teatro – um manifesto de menos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *Imagem-movimento (Cinema 1)*. S. Paulo: Brasiliense, 2009.

_____. *Francis Bacon – lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *A dobra – Leibniz e o barroco*. Campinas/SP: Papyrus, 1991.

_____. *Imagem-tempo (Cinema 2)*. S. Paulo: Brasiliense, 1985.

_____; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª Edição).

_____; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011 (2ª Edição).

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensados/praticados’ pelos ‘praticantes/pensantes’ dos cotidianos das escolas. In.: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho (orgs.) *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. 1 ed. Petrópolis: DP et Alii, 2012: 47-70.

_____; ALVES, Nilda (orgs.) *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Ediouro, 2009.